

Editorial

A nona edição da **Revista Em Tempo de Histórias**, publicação do Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Brasília, mais uma vez traz à comunidade acadêmica trabalhos que refletem pesquisas em História sob diferentes ângulos e épocas, oferecendo aos nossos leitores um pequeno panorama da diversidade de abordagens e reflexões sobre temáticas vigentes nos últimos anos.

No primeiro artigo, Rodrigo Dominguez mostra-nos quais as regras e práticas que permitiam e proibiam que certos sujeitos sociais pudessem praticar atividades financeiras e mercantis no fim da Idade Média, em Portugal, tendo como legisladora a Igreja Católica. Também teve a Igreja um papel importante no trabalho de Helen Pimentel, que procurou analisar o que alguns autores escreveram sobre o casamento no período colonial brasileiro.

Pedro Teixeira investigou as concepções de identidade nacional apresentadas por um grupo de intelectuais, comprometidos com um projeto de consolidação da Independência, por meio da revista *Nitheroy*, publicação dos anos 30 do século XIX. Este período também interessou a Renata Almendra, que nos brinda com uma análise da prática da malandragem entre homens e mulheres livres no Rio de Janeiro, com o uso das comédias escritas por Martins Pena entre os anos de 1833 e 1847.

Preocupado com a construção identitária de pessoas negras livres em meio à vigência do sistema escravista, o texto de Ana Flávia Pinto aborda a questão nas cidades do Rio de Janeiro, de Recife, de São Paulo e de Porto Alegre, em períodos diversos. Os dois textos seguintes funcionam como complementos livres ao trabalho de Pinto: o primeiro é o artigo de Anderson Oliva, que se mostra preocupado com as representações sobre o “africano” como um outro “homogêneo” em diferentes momentos históricos. O segundo se refere ao trabalho de Maria Aparecida Souza, que cuida de visualizar a construção identitária da Comunidade de Conceição das Crioulas, localizada na Serra de Umãs, em Salgueiro, estado de Pernambuco, e habitada por descendentes de negros e de índios

O último trabalho enfrenta uma esquecida questão política entre os quadros militares às vésperas do golpe de 1964: o artigo de Paulo Parucker nos apresenta a “Revolta dos Sargentos de Brasília”, de setembro de 1963, em Brasília, por meio do jornal local *Correio Braziliense*, dando ênfase às fotografias publicadas.

Para terminar, a resenha de Patrícia Lessa traz os delicados contornos políticos e o manejo de sentidos ao analisar a definição de lesbianismo adotado pela historiadora Tânia Navarro-Swain, uma inegável referência nos debates sobre políticas de gênero.

Como o leitor poderá notar, a multiplicidade de enfoques e de abordagens permanece sendo a meta desta Revista, que espera continuar a provocar debates, diálogos e críticas entre historiadores e a receber contribuições para que nos próximos números nossa ambição tenha cada vez mais êxito.

Conselho Editorial